



**ENAN  
PUR** 2023  
Belém 22 a 26 de maio



## **A co-produção da história urbana e periférica em bairros ameaçados de remoção, um olhar comparado entre Plaisir (França) e Belo Horizonte (Brasil)**

**Philippe Urvoy**

Lavue - Paris VIII / UFMG - Cosmopolis

**Elise Havard dit Duclos**

Lavue - Paris VIII / FAU - LabHab

### **Sessão Temática 06: Indicação do artigo a uma sessão temática**

#### **Cidade, história e identidade cultural**

*Enquanto os bairros populares estão a ser profundamente remodelados, ou parcialmente demolidos, no contexto de operações de renovação urbana, a valorização da sua história está a tornar-se uma parte institucionalizada do arsenal operacional destes projectos. Alguns autores questionam o significado de tais iniciativas associadas a intervenções urbanas que amputam estes bairros de parte do seu património sem consultar os habitantes. Em contraste com esta postura memorial de cima para baixo, observamos iniciativas de grupos de residentes que resgatam a história da sua vizinhança a fim de se oporem a estes projectos de demolição impostos. Estas iniciativas, com o apoio de grupos universitários, dão origem a uma co-produção da história local. Este artigo analisa duas experiências em bairros populares com perfis urbanos distintos: em Valibout (Plaisir - França) e em Vila das Antenas (Belo Horizonte - Brasil). Esta investigação colaborativa<sup>1</sup> foi criada no contexto de mobilizações contra projectos de renovação urbana levados a cabo pelos municípios. A análise comparativa combina a observação dos participantes com entrevistas com os investigadores e habitantes envolvidos. Questionaremos os desafios metodológicos, epistemológicos e políticos destas experiências a fim de compreender os seus efeitos nas mobilizações dos habitantes, na produção de conhecimentos históricos mas também na fabricação da cidade.*

---

*Periferias, história urbana, remoções, requalificação urbana, epistemologia*

#### **The co-production of urban history in neighborhoods threatened by eviction : a comparison between Plaisir (France) and Belo Horizonte (Brazil)**

*While poor urban districts are being radically transformed, even partially demolished, in urban renewal operations, the enhancement of their history has been institutionalized as an element of these projects. Some authors wonder about the meaning of such initiatives associated with urban interventions that erase part of the heritage of these neighborhoods. In contrast to this top-down memorial posture, in recent years, several initiatives led by inhabitants aim to explore the history of their community to contest demolition projects imposed by public authorities. With the support of university groups, these approaches lead to a co-production of the community's history. This article analyzes two of these experiences in poor urban neighborhoods with distinct profiles: Valibout (Plaisir - France) and Vila das Antenas (Belo Horizonte - Brazil). There, such collaborative research has been set up as part of mobilizations against urban renewal projects carried out by the municipalities. The comparative analysis combines a participant observation*

---

<sup>1</sup> Esse artigo se inscreve no projeto franco-brasileiro Copolis, financiado na França pela ANR (Agência nacional de Pesquisa) e no Brasil pela FAPESP

*approach with interviews conducted with researchers and residents involved in these initiatives. Through a cross-observation of the cases, the paper explores the methodological, epistemological and political stakes of such experiences to understand their effects on the local mobilizations, the production of historical knowledge, and the making of the city.*

---

*Poor urban districts, urban renewal, memory, epistemology, citizen science.*

## **La coproducción de la historia urbana y periférica en los barrios amenazados de desahucio, una mirada comparativa entre Plaisir (Francia) y Belo Horizonte (Brasil)**

*Mientras los barrios populares son profundamente remodelados, o parcialmente demolidos, en operaciones de renovación urbana, la valorización de su historia se convierte en un elemento institucionalizado del arsenal operativo de estos proyectos. Algunos autores cuestionan la importancia de estas iniciativas asociadas a intervenciones urbanas que amputan a estos barrios parte de su patrimonio sin consultar a sus habitantes. En contraste con esta postura memorialista de arriba abajo, observamos iniciativas de grupos que rescatan la historia de su barrio para oponerse a estos proyectos de demolición impuestos. Estas iniciativas, con el apoyo de grupos universitarios, dan lugar a una coproducción de la historia local. Este artículo analiza dos experiencias en barrios populares con perfiles urbanos distintos: en Valibout (Plaisir - Francia) y en Vila das Antenas (Belo Horizonte - Brasil). Esta investigación colaborativa surgió en el contexto de las movilizaciones contra los proyectos de renovación urbana llevados a cabo por las instituciones. El análisis comparativo combina la observación participante con entrevistas con los investigadores y los habitantes implicados. Cuestionaremos los retos metodológicos, epistemológicos y políticos de estas experiencias para comprender sus efectos en las movilizaciones de los habitantes, en la producción de conocimiento histórico pero también en la fabricación de la ciudad.*

---

*Periferias, historia urbana, expulsión, regeneración urbana, extensión, epistemología.*

## **Introdução**

Na última década, em diferentes cidades do mundo, a valorização do solo urbano tem motivado inúmeros casos de remoção e demolição de bairros de baixa renda, muitas vezes associados à políticas qualificadas pelos poderes públicos como *renovação urbana* (WHITAKER, 2013 ; PEIXOTO FARIA 2020 ; KIRSZBAUM, 2019). Nos últimos anos, enquanto bairros pobres e periféricos continuam a ser profundamente transformados ou mesmo parcialmente demolidos por operações desse tipo, a valorização da sua história e da memória dos seus habitantes tem sido objeto de políticas públicas específicas em diferentes países. No Brasil, o programa público Pontos de memórias, prevê a “promoção e difusão da memória social” em “territórios habitados pelos segmentos sociais mais vulneráveis da população”, com uma primeira fase de implementação entre 2009 e 2014<sup>2</sup>. Alguns dos bairros inicialmente visadas pelo programa, concomitantemente, também foram afetados por importantes transformações decorrentes de investimentos urbanos municipais e federais<sup>3</sup>,

---

<sup>2</sup> Governo brasileiro, Programa Pontos de Memórias, 2022. Cf. <https://www.gov.br/museus/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/pontos-de-memoria>

<sup>3</sup> Podemos citar aqui o caso da favela Cantagalo-Pavão-Pavãozinho (Rio de Janeiro) e do Taquaril (Belo Horizonte), duas áreas que receberam projetos pilotos do programa Ponto de memória, tendo sido no mesmo período alvo de transformações urbanas e/ou remoções decorrentes das obras ligadas ao Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) e da política de pacificação de favelas, para a primeira, e do Programa Vila Viva, para a segunda.

em um período marcado pela intensificação das remoções nas grandes cidades brasileiras<sup>4</sup>. Na França, a reforma da política urbana de 2014 (Lei Lamy), uma política que orienta a intervenção das instituições nacionais e locais nos bairros periféricos de baixa renda, faz da valorização da memória dos habitantes um elemento consensual do arsenal operacional da renovação urbana. Vários autores questionam o significado destas políticas memoriais, apontando uma valorização memorial geograficamente seletiva, que por vezes se associam a interesses de gentrificação ou de turistificação de determinada região (PORTILHO, 2012). Outros ainda questionam a ambivalência de políticas públicas que valorizam o passado de um território sendo por vezes associadas a intervenções urbanas que removem parte do seu patrimônio, frequentemente sem consultar os habitantes. Alguns apontam para uma abordagem que privilegia, na narrativa construída sobre o passado, as trajetórias individuais e íntimas (CHAVANON, 2005), participando de uma associação confusa entre história e memória (Fourcaut e TELLIER, 2014). Outros sublinham uma seletividade de narrativas e meios de restituição que evacua as dimensões conflituosas da memória (MOROVICH, 2014) e muitas vezes silenciam a oposição local às intervenções urbanas trazidas pelos poderes públicos.

Perante esta postura memorial verticalizada, emergiram, nos últimos anos, diversos trabalhos voltados para a história local, desenvolvidos por comunidades locais ou em colaboração com elas, com o intuito de denunciar ou impedir operações de remoção. Podemos citar aqui o caso do Rio de Janeiro, onde recentes trabalhos inspirados pela museologia social tiveram e estão tendo um papel importante para difundir uma narrativa histórica ancorada na comunidade, em áreas afetadas por remoções ou processos de gentrificação (SANCHES, 2020)<sup>5</sup>. Tal trabalho histórico e memorial, desenvolvido muitas vezes com o apoio de ativistas e universitários, aparece aqui como uma alavanca para criticar transformações urbanas que reforçam a injustiça espacial. Levanta-se, no entanto, a questão de como construir esta história urbana "a partir de baixo" (THOMPSON, 1966 - DA SILVA, 2016) considerando os recursos disponíveis para os coletivos de moradores, particularmente em termos de tempo e financiamento. A colaboração com grupos universitários, apoiada por um contexto profissional e institucional que apoia a extensão e a pesquisa colaborativa (JUAN, 2021), aparece como uma resposta possível. Estas colaborações entre universitários e habitantes organizados participam do que Lloyd e Moore (2015) nomeiam como "co-produção da história", designando com esse termo uma pesquisa histórica realizada "com, pelos ou para os grupos interessados".

Embora este tipo de abordagem tenha sido até agora pouco estudado no campo da história urbana, a ideia de uma possível co-produção da história local foi explorada por um segmento da história social britânica (SAMUEL, 2012). Este campo de investigação desenvolveu-se recentemente sob a

---

<sup>4</sup> Segundo os dados fornecidos pela Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa, cerca de 250.000 pessoas moradores de áreas de baixa renda teriam sido removidas ou ameaçadas de remoção no período (ANCOP, 2014).

<sup>5</sup> Entre outras iniciativas, nesta cidade, podemos mencionar o Museu das Remoções, fundado na Vila Autódromo em 2016, ou ainda o projeto Museu Sankofa, desenvolvido na Rocinha em parceria com o LEUS da PUC-RJ

influência de iniciativas institucionais ou ativistas que desejam dar à história um papel social, abrindo assim um diálogo entre narrativas históricas “não oficiais e acadêmicas” (LLOYD E MOORE, 2015). Estas abordagens destacam a dimensão política atrelada à narração do passado, tanto no fenómeno de “apropriação simbólica do espaço” por certos grupos sociais em detrimento de outros (BUSQUET E DIACONU, 2019), como nas “relações de poder desiguais” que podem existir entre atores locais e pesquisadores (LLOYD E MOORE, 2015). Mas as autoras destacam também o potencial de abordagens rigorosas, atentas às perspectivas dos atores locais e à dimensão ética da pesquisa colaborativa, para trazer à tona “narrativas singulares” que servirão por vezes para formular “novos projetos territoriais” (BUSQUET E DIACONU, 2019).

Este artigo propõe comparar dois projetos que colocam em prática esta co-produção da história local em contextos de renovação urbana em Plaisir (Yvelines, França) e Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil). Na análise cruzada destas duas experiências, o objectivo é examinar as questões metodológicas e epistemológicas, específicas da pesquisa histórica, levantadas por estas colaborações entre habitantes, ativistas e pesquisadores, bem como os efeitos de tais pesquisas colaborativas na mobilização dos habitantes e mesmo no processo de construção da cidade. As reflexões expostas neste artigo foram inicialmente exploradas pelos autores no âmbito do projecto ANR CoPolis, um projeto de pesquisa franco-brasileiro que se interessa pelas modalidades e efeitos das colaborações entre académicos, habitantes e atores associativos nos bairros de baixa renda<sup>6</sup>.

A primeira das experiências estudadas foi iniciada em 2021 no conjunto habitacional Valibout, em Plaisir (78), a pedido de uma associação de inquilinos, o DAL 78<sup>7</sup>, em colaboração com pesquisadores do projeto CoPolis. A segunda experiência é o projeto História em Construção (HeC), nascido em 2010, no bairro Vila das Antenas, em Belo Horizonte, Brasil, que associa um coletivo de habitantes ao grupo de pesquisa MOM (Morar de Outras Maneiras) da Escola de Arquitetura da UFMG (EA-UFMG). Estas duas experiências são desenvolvidas no âmbito de mobilizações perante projetos de remoção de parte do bairro previstos pelos programas de renovação urbana: o Novo Programa Nacional de Renovação Urbana (NPNRU) em Plaisir, e o programa municipal Vila Viva em Belo Horizonte<sup>8</sup>.

Os dois bairros são, portanto, palco de conflitos sócio-espaciais semelhantes, apesar das diferenças que as caracterizam. Com efeito, o

---

<sup>6</sup> O projeto é dirigido por Agnès Deboulet (LAVUE - Universidade de Paris 8) e João Sette Whitaker (LabHab - Universidade de São Paulo), e é financiado em França pela ANR e no Brasil pela FAPESP. Para mais informações: <https://copolis.hypotheses.org/>

<sup>7</sup> O comité DAL 78 foi criado na zona habitacional de Valibout em 2017, por iniciativa de alguns residentes. Embora esteja filiada no movimento nacional Droit Au Logement (DAL), funciona localmente como uma associação de inquilinos autónomos mobilizados para a questão da habitação.

<sup>8</sup> O projecto de renovação urbana do bairro Valibout é coordenado pela Câmara Municipal de Plaisir, com o apoio financeiro da região, da Companhia de alojamento social “Les Résidences” e da Agence Nationale de la Rénovation Urbaine (ANRU), e está em fase de consulta pública desde 2020. O programa municipal Vila Viva foi lançado em 2005 pelo município de Belo Horizonte, e foi financiado a nível nacional pelo Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo brasileiro.

Valibout é um conjunto habitacional construído nos anos 1970, composto principalmente por habitação social e classificado pelo Estado francês como “bairro prioritário”<sup>9</sup>, enquanto que a Vila das Antenas é um bairro precário e auto construído cujas origens remontam aos anos 1930, pertencente a uma das maiores favelas de Belo Horizonte. Estes dois territórios enfrentam programas públicos de renovação urbana que, por trás dos objetivos anunciados de melhorar as condições de vida locais ou de abrir o bairro para o resto da cidade, prevêem a demolição de equipamentos e habitações, provocando assim o despejo de muitas famílias. Estas intervenções devem permitir a construção de novas instalações escolares e comerciais, bem como de rodovias que atravessariam os bairros. Em Plaisir como em Belo Horizonte, os habitantes mobilizados denunciam estes projetos e os seus objetivos de desenvolvimento territorial que beneficiariam sobretudo a câmara municipal e o setor privado, em detrimento dos habitantes dos bairros visados. Nestes dois bairros, observamos colaborações entre habitantes e grupos universitários que reinvestem a história local como uma alavanca para contestar estas transformações urbanas.

Destacamos aqui a diferença entre as temporalidades dos dois projetos e entre as relações que os vinculam aos autores deste texto. O trabalho de colaboração realizado em Valibout está ainda em curso e os autores deste texto estão envolvidos no mesmo. Este não é o caso do projecto HeC, cujas atividades de investigação se concentram principalmente entre 2010 e 2012. No caso de Valibout, a nossa visão comparativa baseia-se, portanto, numa análise reflexiva das iniciativas que realizámos, combinada com a recolha de fonte primária através de arquivos e entrevistas. No caso da Vila das Antenas, a reflexão baseia-se nos materiais produzidos pelo projeto (artigos, comunicações, vídeos e folhetos), bem como em entrevistas realizadas com participantes (habitantes e pesquisadores).

Para além das disparidades entre os contextos sócio-históricos e as tipologias destes bairros, o exercício comparativo permite-nos explorar as convergências entre estas duas experiências. Na primeira parte, estudaremos estas colaborações singulares entre habitantes e grupos universitários, analisando as modalidades e métodos de investigação e os efeitos da ancoragem disciplinar. Além disso, comparar mobilizações nascidas em bairros com perfis urbanos muito diferentes, um bairro de habitação social e um bairro auto-construído, leva-nos a problematizar as suas questões e modos de ação para além das especificidades municipais e nacionais. Esta perspectiva convida-nos, num segundo passo, a uma reflexão mais geral sobre as relações entre as mobilizações dos habitantes, a valorização da memória local e a escrita da história urbana. Finalmente, o distanciamento oferecido por este exercício permite-nos questionar as contribuições deste tipo de pesquisa colaborativa para refletir sobre os desafios da transformação territorial no tempo longo da história urbana, para além de uma lógica presentista.

## **1. A colaboração com pesquisadores: um recurso para co-produzir a**

---

<sup>9</sup> A categoria “bairro prioritário” foi estabelecida pelo governo francês através da Lei Lamy em 2014, para qualificar áreas urbanas que concentram populações com rendas baixas em relação à média nacional, sendo identificadas como zonas de intervenção prioritária para a política urbana.

## história urbana

No contexto mencionado acima de valorização institucional, e às vezes de enquadramento, da memória, podemos nos perguntar sobre os efeitos da inversão operada pelos habitantes quando eles se apropriam da narrativa histórica como uma questão social e política para se opor a um projeto urbano contestado. O primeiro passo é examinar os recursos e métodos que tornam possível a construção de um conhecimento histórico que possa ser apropriado pelos habitantes como parte de uma estratégia de mobilização, gozando ao mesmo tempo de uma legitimidade científica. No Brasil, como na França, a colaboração entre habitantes organizados e pesquisadores parece ser uma resposta possível a esta demanda social por conhecimento. Para compreender as modalidades dessas colaborações, é necessário observar a genealogia das demandas, mas também identificar os atores que permitem o encontro entre os espaços ativistas e acadêmicos. Nos dois bairros estudados, o desejo de escrever a história do lugar surge como uma estratégia de mobilização por parte dos habitantes. Em Plaisir, foi inicialmente levada pelo DAL 78 e na Vila das Antenas por uma figura local, Mary Francisca Guimarães, residente e professora. Em ambos os casos, a reunião com os pesquisadores foi facilitada por atores intermediários. Em Plaisir, este papel é desempenhado pela associação APPUII, que fornece aos residentes ferramentas para lidar com projetos urbanos questionados ou contestados por moradores, convocando regularmente colaboradores, como pesquisadores e estudantes, entre outros. A APPUII foi inicialmente solicitada pelo DAL 78 para fornecer assessoria técnica para a mobilização nascente. Em Belo Horizonte, esta relação foi estabelecida através de Ana Paula Baltazar, professora da EA-UFMG e membro do MOM, um grupo de pesquisa que trabalha com grupos "dissidentes ou marginalizados"<sup>10</sup>. Estas duas experiências nascentes testemunham de redes de atores e práticas já estabelecidas em cada contexto. De fato, enquanto no caso francês este papel de intermediação é desempenhado por um ator associativo que trabalha há dez anos para constituir uma rede de especialistas e acadêmicos para apoiar mobilizações urbanas, no Brasil este tipo de envolvimento acadêmico é instituído no âmbito de uma tradição de extensão universitária. Cabe aqui ressaltar que, se a institucionalização da extensão universitária, facilita, no caso brasileiro, a implementação de tais iniciativas, elas são muito mais raras na França. Experiências desse tipo foram no entanto implementadas há algumas décadas por uma rede de pesquisadores e ativistas, vinculados geralmente às ciências sociais ou às ciências da educação, que qualificam as suas práticas como *pesquisa colaborativa* ou *pesquisa-ação* (Morrissette, 2013).

Nos dois projetos aqui observados, os atores intermediários, sejam associações ou acadêmicos, desempenham um papel na explicitação da demanda de conhecimento e na identificação de pessoas e recursos para satisfazê-la. No Valibout, APPUII convoca um par universitário, uma socióloga e um historiador, financiado pelo projeto ANR CoPolis. Na Vila, Ana P Baltazar conecta o grupo de moradores com estudantes e pesquisadores ligados ao MOM. Estes encontros entre o mundo acadêmico e o mundo ativista exigem um esclarecimento recíproco dos interesses de cada ator e um exercício de tradução dos objetivos dos coletivos em questões de pesquisa ou pedagógicas.

---

<sup>10</sup> Apresentação do grupo em seu site: [www.mom.arq.ufmg.br](http://www.mom.arq.ufmg.br)

Em ambos os casos, os intercâmbios levaram à co-construção da pesquisa histórica, tanto do ponto de vista de seu enquadramento temático quanto de sua implementação prática (meios implementados, cronograma, escolha de métodos e modos de restituição). A circulação de saberes e técnicas tornou possível o desenvolvimento de protocolos de investigação científica que se enraízam nas especificidades de cada bairro. Na Vila das Antenas, o MOM trabalhou com o coletivo para realizar um conjunto de entrevistas filmadas, visando inicialmente cerca de dez habitantes, os mais velhos do bairro, e as famílias ameaçadas de despejo. No Valibout, realizamos 25 entrevistas com residentes e trabalhadores municipais, algumas delas na forma de uma visita guiada para visitar lugares de memória. Nesta fase de pesquisa, as associações desempenharam um papel intermediário com os habitantes do bairro. Elas mobilizaram suas redes de conhecimento para identificar e apresentar os pesquisadores a certas figuras da vizinhança. No contexto da pesquisa no Valibout, isto facilitou muito nossa presença tanto com indivíduos isolados quanto nos espaços de sociabilidade. O fato de tornarmos explícita a nossa colaboração com habitantes reconhecidos pela comunidade, nos permitiu em várias ocasiões superar a desconfiança de nossos interlocutores. Os estudantes do MOM enfrentaram a mesma desconfiança durante sua campanha de visita domiciliar. Os membros da HeC estabeleceram então um sistema de entrevistas em pares que sempre incluía a presença de um residente. Este papel de colocar as pessoas em contato umas com as outras e de legitimar o processo torna possível ampliar o leque de pessoas envolvidas na pesquisa, mas também na mobilização, e recolher histórias que seriam inacessíveis aos atores considerados exteriores. Esta postura de intermediação, e seus efeitos em termos de acessibilidade às fontes, também foi nossa no relacionamento com as instituições locais da Valibout. Nossa etiqueta de pesquisadores abriu espaços municipais (arquivos locais, serviço de mediação) sem sofrer da desconfiança com a qual os habitantes mobilizados, e portanto considerados como opositores, são por vezes recebidos.

Além das entrevistas, um dos desafios desta co-produção da história é combinar esta coleção de memórias com o trabalho de levantamento de arquivos. No caso da pesquisa realizada em Plaisir, coletamos um corpus misto integrando tanto os arquivos públicos, particularmente os arquivos municipais, como arquivos privados, coleções documentais de associações locais ou habitantes do bairro. No caso do projeto HeC, a pesquisa consistiu principalmente na coleta de fontes orais. Esta escolha pode ser explicada em parte pela ancoragem disciplinar do MOM, que está ligada à arquitetura e ao planejamento urbano, disciplinas nas quais a pesquisa qualitativa geralmente se limita à coleta de entrevistas. Considerando a natureza complementar do corpus de fontes - escritas e orais - coletadas na Valibout, observamos que o trabalho de arquivo traz uma contribuição central para este tipo de abordagem. Este trabalho, facilitado pela presença de um historiador, permite apreender as dinâmicas de transformação territorial de acordo com as diversas escalas de uso e gestão do solo, desde o nível micro-local até o nível regional ou nacional. Esta "história impregnada de antropologia" (GINZBURG, 1991: 173), que coloca o conteúdo dos documentos em diálogo com os depoimentos dos atores, destaca-se de um grande número de trabalhos relativos aos bairros periféricos, sejam institucionais ou sociológicos, que tendem a "sobreevalorizar as entrevistas" em detrimento dos arquivos (BELMESSOUS, 2022: 24). Como

lembrado por Rafael Soares Gonçalves, Mauro Amoroso e Mário Brum (2015 : 3), no âmbito da pesquisa histórica sobre bairros periféricos ou precários, o trabalho com arquivos tem um papel fundamental e uma significação política, na medida em que : “arquivar documentos sobre esses bairros é reconhecer seu lugar na história e na própria cidade”.

Este processo de coleta de fontes orais e escritas é finalmente acompanhado por um trabalho analítico para construir uma narrativa histórica e articular a história local e suas temporalidades com a história urbana, industrial e colonial. No Valibout, estabelecemos, com grupos de habitantes, momentos de trabalho coletivo em torno dos materiais. Ao propor um dispositivo simples, uma mesa de discussão onde circulam arquivos e trechos de entrevistas, discutimos caminhos de análise para entender as dinâmicas locais e situá-las na narrativa histórica mais ampla dos bairros periféricos, seu tratamento pelas instituições públicas (TISSOT, 2007) e as transformações da ação institucional sociocultural nestes territórios. Além desses momentos de trabalhos coletivos, as discussões informais com os habitantes e ativistas envolvidos também permitem uma circulação de conhecimento que enriquece a análise coletiva. Nossa experiência de co-construção do processo de pesquisa mostra a importância de compartilhar conhecimentos de uso, assim como conhecimentos profissionais e ativistas (NEZ, 2011), por exemplo para desenvolver uma rápida compreensão do jogo entre os atores locais (institucionais, associativos e interpessoais). Este exercício dialético de interpretação coletiva das fontes, dentro de oficinas ou em intercâmbios informais, propicia uma inevitável "hibridização do conhecimento" (VESSURI, 2007), atestando a "transferência de conhecimento (...) de um circuito de aprendizagem para outro" (SAMUEL, 2012: 8). Esta, por sua vez, tem efeitos tanto sobre o processo de pesquisa quanto sobre as pessoas envolvidas. A circulação de conhecimentos e recursos específicos de cada grupo permitiram assim uma abordagem metodológica iterativa próxima dos modos de operar, dos desejos e das disponibilidades dos habitantes de cada bairro. A co-construção desta pesquisa baseia-se, portanto, numa postura de escuta (DEBOULET, 2012) e no envolvimento dos pesquisadores, assim como em métodos mais tradicionais de coleta de material qualitativo.

Parece-nos importante questionar aqui a relação com algumas ferramentas participativas utilizadas por um mercado, profissional e às vezes científico, da prática colaborativa. Embora essas ferramentas, que mobilizam uma diversidade de mídias, são às vezes úteis para facilitar a disseminação de vozes marginalizadas, seu uso padronizado pode às vezes também ser prejudicial para a construção efetiva da colaboração. De fato, a multiplicação de ferramentas alternativas também pode levar a uma sobrecarga de trabalho que, em última instância, limita os resultados e leva a uma perda de pontos de referência para os participantes, ou mesmo a um sentimento de despossessão. A iniciativa de criar um site participativo, por parte de estudantes do MOM aponta para este excesso, particularmente de soluções digitais. Embora tenha sido colocado on-line pelos estudantes, depois de ser apresentado brevemente aos habitantes, foi percebido como um modo de restituição muito externo e, segundo Ana P Baltazar, os habitantes "sentiram que estávamos ocupando muito espaço, eles queriam fazer suas próprias coisas"<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Entrevista com Ana P Baltazar, realizada em 5 de abril de 2022.

Esta discussão sobre a apropriação dos materiais de restituição pelos habitantes sublinha as tensões que podem existir entre atores e pesquisadores devido a seus objetivos de intervenção às vezes divergentes e as relações estruturais de poder que persistem apesar das posturas de colaboração. A fim de compreender o que está em jogo nos atritos subjacentes a estas relações, é necessário esclarecer as posições iniciais e negociadas dos pesquisadores na área, mas também questionar as modalidades de distribuição do trabalho de pesquisa. A comparação das duas experiências destaca a proximidade das posturas de pesquisa e modos de intervenção dos pesquisadores do MOM e CoPolis. Em ambos os casos, eles se posicionam como parceiros de grupos mobilizados e procuram construir com eles conhecimentos que são identificados coletivamente como úteis em sua estratégia de oposição ao projeto urbano. Ana P Baltazar define assim o trabalho do MOM como "pesquisa aplicada", cujo objetivo é a produção de "conhecimentos operacionais que possam contribuir para determinados grupos". Ela define sua postura como uma "assimetria assumida" que reconhece as "diferentes relações com o conhecimento, tentando ver o que essas diferenças podem produzir"<sup>12</sup>. Segundo Maïté Juan (2021), esta abordagem da pesquisa participativa inscreve-se na tradição das epistemologias críticas e sustenta a emergência de "uma ciência "popular", servindo aos interesses dos grupos oprimidos, entendidos como co-proprietários do conhecimento".

É comum que seja emitida uma advertência contra os riscos de uma pesquisa cuja cientificidade poderia ser tendenciosa por sua conexão com as intenções de mobilização ou com atores localizados dentro do território observado. Esta tensão caracteriza o exercício de qualquer pesquisa realizada "sob vigilância" (LABORIE, 1994), seja por sua estreita relação com as testemunhas ou por sua ligação com uma demanda emanando de atores externos à universidade. Esta postura deve ser pensada com antecedência e assumida pelo pesquisador que, através de um exercício crítico e reflexivo, deve ser capaz de ser tanto um "salvador de memória" quanto um "perturbador de memória" (*Ibidem*). Como Garcia (2003) nos lembra, não é a distância temporal, espacial ou afetiva que garante a distância crítica do historiador com o seu objeto, mas sim o seu trabalho de circunscrição e análise do mesmo.

Além do exercício reflexivo produzido pelos pesquisadores sobre sua prática, é interessante observar os papéis ocupados pelos diferentes participantes e a divisão do trabalho que ocorre. No Valibout, nossa intenção de pesquisa participativa, por vezes idealizada, foi reformulada à luz das condições materiais de organização do trabalho e da falta de tempo disponível das pessoas envolvidas, que enfrentavam uma sobrecarga de exigências entre o trabalho militante e seus compromissos profissionais e privados. A colaboração com uma equipe de pesquisa representa, portanto, uma contribuição em recursos humanos e possibilita, assim, apoiar a dinâmica de trabalho. Nessas condições, embora operassem com base em uma abordagem co-construída, os pesquisadores mantiveram um papel importante na implementação das pesquisas e na construção dos materiais de relatório. Além disso, a falta de tempo e o ritmo acelerado de mobilização muitas vezes impediram a avaliação dos métodos de organização da pesquisa. A posição pragmática de dividir o trabalho de acordo com a disponibilidade e os recursos

---

<sup>12</sup> Entrevista com Ana P Baltazar, realizada em 5 de abril de 2022.

parece então ser uma não-escolha imposta devido à falta de espaço e de meios para implementar uma reflexão coletiva eficaz. No entanto, esta distribuição de tarefas e os fenômenos de autoridade que podem surgir também podem ser abalados pelos habitantes mobilizados que mantêm uma posição de decisão sobre a implementação da pesquisa. Na Vila das Antenas, eles decidiram em 2011 formar sua própria associação para "ter maior autonomia em relação à Escola de Arquitetura e poder realizar outras atividades", segundo Mary F Guimarães<sup>13</sup>. Esta reorganização e apropriação do projeto é percebida por Ana P Baltazar, dez anos depois, como um dos sucessos da colaboração<sup>14</sup>. Entretanto, ela observa que o trabalho de pesquisa histórica e sua valorização foram gradualmente colocados de lado pelo coletivo, devido à falta de tempo disponível, enquanto que desde então tem se concentrado no desenvolvimento de atividades socioculturais.

## **2. A história local como vetor de uma consciência coletiva**

Além dos aspectos metodológicos mencionados, podemos também questionar a relação entre a mobilização local contra a remoção e a pesquisa histórica : de que modo a pesquisa histórica afeta a mobilização e como ela pode contribuir para a preservação do bairro ou da comunidade ? Do ponto de vista dos moradores mobilizados, um primeiro objetivo do trabalho histórico parece estar vinculado ao desafio de conscientizar e mobilizar um número maior de habitantes. As dificuldades iniciais encontradas pelos moradores para mobilizar a comunidade numa escala ampla podem ser explicadas por diversos fatores. Entre eles, destacamos em primeiro lugar um quadro estrutural que dificulta a mobilização política nos bairros periféricos, pela falta de tempo disponível e pressão cotidiana resultante da precariedade econômica. A este cenário se adiciona, formas de repressão institucional ou cooptação, tais como analisadas no caso francês pelo Julien Talpin (2020). Por fim, há também a particularidade dos modos de implementação dos projetos de renovação urbana e remoção. Neste aspecto, as associações locais apontam a natureza individualizada das ameaças de remoção - que visam nos dois bairros uma minoria de famílias - e o conseqüente isolamento das famílias visadas, o que não favorece inicialmente uma ampla mobilização.

No caso da Vila das Antenas, o processo de designação seletiva das famílias a serem despejadas imediatamente despertou uma comoção na comunidade. Em 2008, quando a maioria dos habitantes ainda não tinha conhecimento do projeto Vila Viva, algumas casas foram marcadas com spray de tinta por agentes municipais, causando a incompreensão de seus ocupantes e vizinhos. Este evento tornou o projeto de remoção visível e deu origem à mobilização<sup>15</sup>. No Valibout, embora a consulta pública da população, para esse tipo de projeto de requalificação urbana, esteja legalmente regulamentada, os membros do DAL 78 denunciam uma consulta pública "de fachada", sem real participação dos habitantes. Segundo eles, a grande maioria dos habitantes

---

<sup>13</sup> Entrevista com Mary F Guimarães em 3 de abril de 2022.

<sup>14</sup> Entrevista com Ana P Baltazar, realizada em 5 de abril de 2022.

<sup>15</sup> Entrevista coletiva com Mary F Guimarães, Josemeire Alves e Carol Oliveira em 17 de julho de 2021.

não foi consultada ou informada sobre as questões mais importantes do projeto, a saber, as remoções e demolições e a construção de rodovias.

Neste sentido, o fato de incentivar trocas em torno da história da comunidade, na forma de entrevistas individuais ou em grupo ou workshops, foi pensado pelas associações como um dispositivo que poderia estabelecer um debate ou mesmo incitar uma parte de sua comunidade a se posicionar. Na Vila das Antenas, o trabalho de pesquisa histórica permitiu estabelecer um diálogo com as pessoas mais velhas da comunidade, mas também com vários habitantes ameaçados de remoção, cujos depoimentos foram recolhidos. Ana P Baltazar conta que, aos poucos, vários habitantes que não estavam envolvidos na mobilização disseram que se reconheciam no trabalho de pesquisa em andamento<sup>16</sup>. Com o DAL 78, um dos objetivos do trabalho era estabelecer contato com certos grupos sociais (famílias, idosos, mulheres adultas), que não estavam presentes em uma mobilização que era então carregada principalmente por um público jovem e principalmente masculino.

Além disso, o trabalho sobre a histórica local também pode ser visto como uma reação ao discurso municipal e midiático que tende a estigmatizar os habitantes e as formas de vida nos bairros periféricos, construídos socialmente enquanto “espaço criminalizado” (CAMPOS, 2011). Um dos desafios das mobilizações locais, neste aspecto, é a construção de uma narrativa comum para além da experiência compartilhada de discriminação social, conforme Talpin & al., 2021. O trabalho histórico aparece assim como um suporte para uma requalificação da identidade local, em suas dimensões simbólica e material, mas também como um meio para a comunidade conscientizar-se a respeito do patrimônio ameaçado pelas transformações espaciais e sociais que virão.

Na Vila das Antenas, guiada pelas sugestões do MOM, a pesquisa focou inicialmente nas técnicas arquitetônicas de autoconstrução. "Barracos de zinco, barracos de madeira, barracos de adobe cobertos de palha", lembram alguns dos habitantes mais velhos. O filme que relata o trabalho de pesquisa dá conta dos materiais, coletados no ambiente local, usados para construir as casas durante o mutirão que marcou a fundação da Vila (HeC, 2011). Segundo Mary F Guimarães, "foi a partir destas imagens que se reavivou em muitas dos moradores a consciência de que este lugar lhes pertencia, que eram legítimas para lá permanecer"<sup>17</sup>. A memória compartilhada das dificuldades de assentamento em um terreno hostil e íngreme é, segundo ela, um motivo de "orgulho" transmitido entre gerações. Como o coletivo aponta: "preservar a história de um lugar ajuda os habitantes a valorizar as práticas de produção autônoma do espaço, que podem estimular a mobilização, fortalecer os laços comunitários e inspirar novas iniciativas de autoprodução" (HeC, 2011).

No caso do Valibout, os habitantes testemunham valores imateriais compartilhados que constituem a identidade do bairro. Segundo eles, a importante vida associativa e cultural que prevalecia no bairro nos anos 1980 e 1990, com a primeira geração de moradores, caracteriza modos de apropriação coletiva do espaço que estruturam a história do bairro. Diversos depoimentos

---

<sup>16</sup> Entrevista com Ana Paula Baltazar, realizada em 5 de abril de 2022.

<sup>17</sup> Entrevista com Mary F Guimarães, realizada em 3 de abril de 2022.

evocam as atividades sociais e culturais que marcaram toda uma geração : festas comunitárias, apresentações musicais ligadas às diferentes comunidades imigrantes do bairro (portugueses, oeste-africanos, norte-africanos...), oficinas de teatro, cultura de apoio mútuo, refeições coletivas e acampamentos durante as férias. O florescimento de tais atividades foi facilitado pela existência de espaços socioculturais financiados pelo município, os centros sociais comunitários "500 m<sup>2</sup>" até o início dos anos 1990, e o "1000 folhas" (*Millefeuilles*) até o final dos anos 2000. Estes dois lugares, embora ocupando um lugar central na sociabilidade local, foram fechados e depois demolidos pela prefeitura perante a incompreensão dos habitantes. Do ponto de vista do DAL 78, destacar esta história associativa e cultural do bairro poderia ajudar os habitantes a se mobilizarem para sua preservação e a afirmarem a sua legitimidade para permanecerem no local. Assim, nesta primeira fase do trabalho, os coletivos mobilizaram a pesquisa com a hipótese de que "a criação de uma memória compartilhada" poderia contribuir para o "processo de agregação de um grupo (...) que se reconhece em valores comuns" (BUSQUET E DIACONU, 2021).

A valorização dessa identidade comum, ligada à dinâmica da mobilização, inspirou por sua vez modos de apropriação física ou simbólica dos espaços, transformando estes em lugares de memória. O grupo HeC se apropriou de uma das casas que deveria ser demolida após seus habitantes terem sido removidos. Em decorrência de uma mobilização e uma negociação com a prefeitura, a associação obteve um acordo para utilizar a casa, que passou então a funcionar como centro sociocultural gerido pelo coletivo em 2012. É interessante notar que este lugar articula atualmente o trabalho de memória realizado pelo grupo com um trabalho de recepção dos jovens que associa uma abordagem artística e terapêutica. De fato, embora o projeto de memória não esteja mais efetivamente em funcionamento, ele continua a ser evocado e a ressoar no trabalho comunitário em torno da identidade e das produções culturais do bairro. No Valibout, estas práticas de apropriação física de espaços memoriais ocorrem no espaço público e são muitas vezes efêmeras. Por exemplo, por iniciativa de uma integrante do DAL 78, uma das oficinas realizada no âmbito da pesquisa histórica foi feita no terreno baldio que testemunha a demolição do *1000 folhas*, um lugar simbólico carregado de memória. Esta atividade faz eco às ações de habitantes, que em 2020 instalaram uma barraca e faixas na praça "500m<sup>2</sup>" - que manteve o nome do centro social outrora existiu no local - para denunciar a falta de estruturas para os jovens da vizinhança.

A apropriação, mesmo temporária, de lugares que carregam parte da memória comunitária é, portanto, um dos efeitos da articulação entre as ferramentas da pesquisa histórica (coleta e análise de narrativas memoriais) e da mobilização (ocupação de espaços, organização coletiva). Esta mobilização em torno da história local no tempo presente tem efeito tanto na dinâmica da pesquisa, com o surgimento de novos objetos de estudo e narrativas, quanto na mobilização, evidenciando a significação política de determinados espaços a serem preservados. Como lembrado por Nora (1997), o investimento físico de lugares que desempenham um papel na história de uma comunidade contribui para uma ancoragem espacial da memória como "representação do passado (...) carregada por grupos vivos" que emerge "do grupo que ela une".

### 3. Historicizar os conflitos sócio-espaciais

No caso da Vila das Antenas, este olhar sobre o passado também permite repensar as sucessivas transformações do território, que estão estreitamente ligadas ao desenvolvimento sócio-espacial desigual de Belo Horizonte. Como lembra Mary F Guimarães, ao recordar sua história familiar, a maioria dos primeiros habitantes da Vila se estabeleceu ali na década de 1930, após ter sido removida pela Prefeitura da favela da Barroca. A Prefeitura cedeu então um terreno a algumas famílias no topo de um morro, totalmente desprovido de infra-estrutura urbana. A aquisição deste terreno aparece assim, para muitos habitantes, como resultado de uma indenização histórica recebida por seus familiares. Ao explorar a história da comunidade, que é marcada pelo sofrimento individual e coletivo, é possível ver que o apego ao lugar habitado se baseia tanto em aspectos materiais quanto simbólicos. A evocação dos esforços sofridos pelos habitantes pioneiros ajuda um grande número de famílias a tomar consciência do caráter irrisório da indenização oferecida às famílias pela Prefeitura em caso de despejo<sup>18</sup>. Alguns destes testemunhos foram utilizados pelo grupo HeC durante as audiências perante o Ministério Público, a fim de destacar a discrepância entre a indenização oferecida e o prejuízo real sofrido pelas famílias.

No bairro de Valibout, para os "veteranos", esta evocação do passado comum está diretamente ligada a um sentimento de perda, ou até mesmo de desapropriação: o fechamento e a demolição de espaços socioculturais levantam dúvidas e indignação. Durante uma discussão com os habitantes, que propusemos sobre o tema durante uma festa de bairro, pudemos observar o apego de várias gerações à memória desses lugares, mas também a sua importância para compreender, segundo eles, a história política e social da cidade<sup>19</sup>. De acordo com vários depoimentos, a destruição arbitrária desses lugares, que permitiam à comunidade se reunir, teria contribuído diretamente para a extinção da vida associativa e cultural, causando o isolamento progressivo dos habitantes. Além disso, o projeto de requalificação urbana seria, para alguns, o resultado de uma sequência de intervenções urbanas motivadas por objetivos financeiros, desconsiderando as necessidades e demandas locais. Ao confrontar estes depoimentos com elementos encontrados nos arquivos municipais e em entrevistas com antigos trabalhadores municipais, pudemos resituar estes encerramentos em um contexto histórico mais amplo. O fechamento gradual desses espaços é acompanhado pelo desaparecimento de diversos outros equipamentos públicos voltados para os jovens dos bairros de baixa renda em Plaisir, refletindo as reorientações da política orçamentária municipal, mas também as novas diretrizes nacionais de ação social voltadas para os "bairros prioritários" (AVENEL, 2013). Durante as oficinas realizadas com os habitantes do bairro, a partilha destas linhas de análise e o trabalho de reflexão coletiva sobre os arquivos permitiu passar de um conjunto de relatos memoriais, às vezes carregados de nostalgia, para um trabalho de análise crítica da história

---

<sup>18</sup> O valor da indenização oferecida aos habitantes da Vila foi fixado em 107 reais por metro quadrado construído, enquanto o preço de um metro quadrado nos bairros adjacentes, estava então estimado em torno de 2.000 reais por metro quadrado no mínimo (FERNANDES E DOBABELA PEREIRA, 2010).

<sup>19</sup> Discussão pública organizada sobre a história local por ocasião da festa do bairro em 19 de dezembro de 2021.

urbana local.

A pesquisa histórica participa, assim, de outro tipo de conscientização, ao articular narrativas e memórias individuais em uma estrutura histórica coletiva mais ampla. Ele historiciza o atual conflito sócio-espacial, vinculando progressivamente este aos eventos históricos que o antecedem. Enquanto os projetos de requalificação urbana e remoção tendem a impor uma fragmentação das situações cotidianas, em particular tratando o realojamento e as indenizações caso a caso, o olhar para a história local ajuda a desindividualizar as situações enfrentadas por cada família e a inscrevê-las na continuidade de lutas ou eventos passados.

No Valibout, o olhar comparativo entre as distintas trajetórias familiares de habitantes destaca os laços entre a história colonial, a história da habitação social e a história industrial e da classe trabalhadora da região. Como recorda K., um dos habitantes que conhecemos, a localização do distrito no coração de Yvelines, fez dele um local de assentamento para um grande número de trabalhadores ligados às fábricas de automóveis no oeste de Paris. A grande maioria desses trabalhadores vinha das antigas colônias francesas no oeste e no norte da África. De acordo com as suas lembranças, enquanto o bairro, que havia surgido recentemente no meio dos campos e fazendas, possuía uma infra-estrutura de transporte ainda precária, as fábricas enviavam seus próprios ônibus para buscar os trabalhadores<sup>20</sup>. A articulação entre diferentes entrevistas mostra os efeitos das sucessivas fases da história industrial, incluindo o fechamento de fábricas, na vida cotidiana e na estrutura social dos bairros da classe trabalhadora (FOURCAUT, 2007 - MARLIÈRE, 2013). A., residente e ex-membra do conselho do bairro, lembra-se das conseqüências do fechamento da fábrica Renault de Boulogne-Billancourt, em 1992, quando vários pais de família ficaram desempregados, alguns dos quais tiveram que se mudar para acompanhar a transferência das atividades do grupo automotivo para a fábrica de Sandouville (Normandia)<sup>21</sup>.

Na Vila das Antenas, a mobilização em torno da história é acompanhada por uma reivindicação simbólica que vincula a história local à história colonial e à memória da escravidão. Os habitantes mobilizados - junto com outras comunidades afrodescendentes de Belo Horizonte naquela época - adotaram gradualmente o termo de *quilombo urbano* para designar a sua comunidade. Em 2013, por ocasião de uma celebração, placas, feitas por estudantes da EA-UFMG, foram distribuídas aos habitantes mais antigos, nas quais foram gravados o nome e a data de instalação da família no bairro, junto com a inscrição "Quilombo das Antenas". O termo quilombo aqui reivindica uma continuidade entre a história da Vila e a das lutas históricas das populações negras do Brasil por sua emancipação e pela reparação das injustiças históricas que sofreram. Além das reivindicações memoriais e políticas associadas a este gesto, é preciso sublinhar que os termos escolhidos refletem, à sua maneira, uma realidade sócio-histórica indiscutível. De fato, vários estudos já destacaram a ligação histórica entre as desigualdades sócio-espaciais e raciais que caracterizam as grandes cidades brasileiras e a distribuição desigual das terras disponíveis após a abolição da escravatura no país, mantendo as populações negras e pardas numa posição marginal,

<sup>20</sup> Entrevista realizada com K. em 21 de janeiro de 2022.

<sup>21</sup> Entrevista realizada com A. em 17 de março de 2022.

inclusive em Minas Gerais (ROLNIK, 1997; URVOY, 2020).

Podemos assim ver como, desde a promoção da autoconstrução ou da vida associativa até a reapropriação física ou simbólica de seus espaços, a interpretação coletiva da história local tem vários efeitos sociais e políticos. Como nos lembra Fortuna (2012), a "distância temporal", facilitada pelo diálogo entre as diferentes fontes e relatos do passado, torna possível "nomear e dar sentido" ao que constitui "patrimônio" para uma comunidade. Assim, para a comunidade, escrever e pensar coletivamente sobre sua história também significa revisitar as dificuldades, perdas e desafios atravessados, que contribuem para delinear a sua identidade enquanto grupo social e a sua relação com o presente. O espaço habitado, revisitado através do prisma da pesquisa, aparece como resultado de dinâmicas estruturais e injustiças espaciais que são inseparáveis da história urbana, social e econômica. Esta perspectiva, por sua vez, contribui para historicizar os atuais conflitos sócio-espaciais, reinserindo-os em um quadro temporal de longa duração que marca o território como um todo. Do ponto de vista dos moradores mobilizados, esta consciência histórica coletiva, reativada pelo trabalho de pesquisa, poderia assim levar à construção de um projeto social comum capaz de lidar com as transformações então impostas ao distrito.

#### **4. Mobilizar a história local para transformar a cidade**

Em sua análise crítica dos projetos memoriais institucionais implementados na França, Barbara Morovich (2014) questiona os públicos aos quais esta memorialização se destina. De acordo com ela, estas narrativas, que carregam muitas vezes uma versão pacificada da história, são dirigidas aos "futuros habitantes", que serão convidados a se instalar nos bairros, a quem se deve transmitir uma imagem de cidade limpa e tranquilizadora. Portilho (2012), por sua vez, ao analisar a implementação da política de Pontos de Memória em favelas do Rio de Janeiro, identifica um esforço semelhante de "higienizar" a representação de um território, para facilitar a turistificação e gentrificação do mesmo. Este tipo de memorialização institucional pode ser, portanto, considerada como uma ferramenta de transformação cidade, com efeitos particulares sobre a atratividade de um território. Em contraponto, podemos questionar as práticas de co-produção da história de um bairro a partir dos seus efeitos sobre a construção do território. Como vimos, o trabalho histórico co-produzido tem efeitos simbólicos, políticos e materiais. Na Vila das Antenas, o projeto HeC, em articulação com a mobilização, impediu, segundo Mary F Guimarães, o projeto inicial de remoção<sup>22</sup>. Após a mobilização dos habitantes da Vila, do MOM e de outras associações de habitantes junto ao Ministério Público, este último solicitou oficialmente, em 2016, a revisão dos projetos urbanos do programa Vila Viva para um melhor respeito dos direitos dos habitantes<sup>23</sup>. Além desta vitória local e contextual, podemos interrogar o potencial dos projetos de pesquisa aqui evocados para pensar, do ponto de vista dos habitantes, as transformações dos espaços e das formas de vida nos bairros.

<sup>22</sup> Entrevista com Mary F Guimarães em 3 de abril de 2022.

<sup>23</sup> Ministério Público Federal, ação civil pública datada de 28 de julho de 2016. Disponível em: <http://dialogoscomunitarios.org.br/wp-content/uploads/2018/03/ACP-Vila-Viva-Aglomerado-Santa-Lucia.pdf>

O trabalho de coleta de memórias revela usos passados de espaços, sejam coletivos ou privados, que permanecem, desapareceram ou estão agora impedidos. A história dos lugares e dos seus usos aparece então como uma forma de entender os elementos a serem melhorados e as deficiências do território. No Valibout, como vimos, o trabalho de pesquisa destacou rapidamente a importância dos lugares da sociabilidade e de atividades socioculturais na memória coletiva. Destacando estes lugares, as atividades ali realizadas, as relações que os estruturavam, nos permitiu questionar as necessidades e recursos atuais do bairro. O uso da história para ler as experiências contemporâneas gera assim uma reflexão prospectiva sobre as transformações consideradas legítimas e necessárias do ponto de vista dos habitantes. Esta análise, semelhante a uma forma de diagnóstico baseado na história, participou de um esforço mais amplo de produção de um projeto urbano alternativo realizado pelo DAL 78 e APPUII, que procura formular as intenções e necessidades do bairro além das restrições e objetivos impostos pelas instituições. A pesquisa histórica se articulou aqui com pesquisas e propostas realizadas por estudantes de planejamento urbano e arquitetura, junto com os habitantes, para formulação de um novo projeto urbano. No entanto, o fato de que os trabalhos de pesquisa e mobilização ainda estão em andamento não nos permite concluir, por enquanto, sobre os efeitos deste tipo de colaboração sobre o projeto urbano.

Interrogar o espaço habitado através da história também significa compreender os contextos sociais e espaciais que deram origem às formas arquitetônicas e urbanas e seus modos de apropriação por parte dos habitantes. Ao se concentrar na autoconstrução, o trabalho da MOM situa estes modos de construção e moradia no decorrer da evolução urbana local e destaca a profundidade histórica das experiências diárias da vida na favela. Esta pesquisa destaca assim o interesse, e muitas vezes a necessidade, de manter estas formas espaciais que, embora estigmatizadas, atendem às necessidades históricas e atuais das populações residentes. O grupo HeC construiu seus argumentos contra a demolição em torno dos recursos materiais e imateriais oferecidos pelo próprio modo de vida da favela. Os habitantes entrevistados testemunham os múltiplos usos de sua casa, como espaço doméstico, mas também para atividades profissionais ou produção de alimentos<sup>24</sup>. Além da ruptura dos laços de solidariedade causada pelos despejos, há também um conjunto de práticas que contribuem para a reprodução diária das famílias que não sobrevivem ao realojamento proposto em apartamentos. É interessante notar aqui que, após uma série de mobilizações de moradores semelhantes às do grupo HeC, o Departamento de Patrimônio Cultural Municipal de Belo Horizonte tem progressivamente integrado o reconhecimento do patrimônio cultural imaterial em seu campo de ação. Medidas de proteção deste tipo, decididas por esta instituição, contribuíram assim nos últimos anos para a proteção de outras comunidades ou áreas periféricas ameaçadas de despejo.

Nos dois bairros observados, a história local contribui deste modo para um diagnóstico atual das necessidades e recursos do bairro. O fato de destacar as experiências que persistem na materialidade ou nas narrativas estruturantes da memória coletiva, aparece como um elemento essencial para

---

<sup>24</sup> Entrevista em grupo com Mary F Guimarães, Josemeire Alves e Carol Oliveira em 17 de julho de 2021.

a compreensão das questões de preservação e transformação nos bairros periféricos. Este desvio pela história co-produzida permite evitar as armadilhas da lógica presentista da intervenção urbana, inscrevendo projetos urbanos no tempo longo e lento dos modos de produção e apropriação da cidade por seus habitantes.

## **5. Desafios e possibilidades de uma história urbana co-produzida**

A análise cruzada destas duas experiências, ao longo do artigo, nos leva a pensar nas modalidades de uma pesquisa colaborativa na história urbana, um tema muito pouco abordado no campo da historiografia. Os dois casos nos permitem vislumbrar as relações que podem ser tecidas entre história e memória, por um lado, e conflitos sócio-espaciais e mobilização de moradores, por outro. A narrativa coletiva sobre o passado, compartilhada pelos grupos sociais que habitam o espaço urbano, aparece aqui como um elemento fundamental para pensar as suas possíveis evoluções.

Além disso, a dimensão coletiva do trabalho, desde a definição do processo de pesquisa até a interpretação dos dados, favorece modalidades singulares de produção de conhecimento, nas quais circulam e se articulam diferentes "saberes urbanos" (VAN DAMME, 2013). É interessante se atentar aos efeitos epistemológicos produzidos pelo encontro entre saberes acadêmicos, habitantes, profissionais e ativistas. No caso da Vila das Antenas, o trabalho do grupo História em Construção sobre os recursos imateriais e materiais do bairro, abriu o caminho para o reconhecimento de novos saberes aplicados relacionados ao reconhecimento do patrimônio histórico em Belo Horizonte.

Do ponto de vista do bairro, percebe-se que o trabalho histórico realizado participa da delimitação de "uma história comum" que permite a "reafirmação" de "elementos fundamentais para a continuidade" dos modos de vida "afetados ou ameaçados" pelos projetos de despejo (BOGADO, 2019). Estas experiências nos mostram como a mobilização de um grupo social é propícia à introspecção coletiva: o que o constitui desde as suas origens, o que nele se perpetua e o que esboça a possibilidade de um pensamento futuro em comum. A pesquisa histórica colaborativa se presta a este exercício reflexivo e coletivo, na medida em que escrever a história recente equivale a um esforço simultâneo de "analisar o passado, colocar o presente em perspectiva e antecipar o futuro", como aponta Bédarida (2001).

As experiências observadas destacam assim o interesse de pesquisas sobre a história local que possam colocar uma pluralidade de vozes em diálogo. Destacamos a importância de tais iniciativas que vão além da abordagem, geralmente praticada em pesquisas institucionais sobre o assunto, que consiste em compilar uma coleção de memórias de habitantes em um único suporte. Segundo alguns, esta coleção repetida de relatos íntimos, no contexto dos projetos de renovação urbana, participaria de um dispositivo com intenções terapêuticas (CHAVANON, 2005) destinado a "atenuar os efeitos da violência das demolições" e remoções (MOROVICH, 2014). Essas formas de narração do passado tendem deste modo a produzir uma narrativa histórica despolitizada. Nas experiências estudadas, a pesquisa histórica colaborativa visa, ao contrário, a permitir um exercício coletivo de reflexão sobre as questões em jogo nas transformações urbanas de curto e médio prazo através

da historicização dos conflitos sócio-espaciais. A partir do trabalho histórico realizado, um processo de conscientização pode então emergir, relacionado tanto aos desafios trazidos pelos projetos de renovação urbana quanto à capacidade dos moradores de agir coletivamente sobre o processo de construção da cidade.

Este artigo nos permitiu assim comparar as modalidades e os efeitos de uma co-produção da história urbana baseada na dinâmica da mobilização local. As questões abertas por esta proposta metodológica são vastas e o nosso trabalho parte de um desejo de compartilhar uma reflexividade em curso de elaboração. Longe de fornecer respostas fixas às questões epistemológicas levantadas, este artigo é antes de tudo um convite para implementar este tipo de abordagem, adotando uma postura crítica e reflexiva, atenta às diferentes relações de poder e métodos de trabalho em jogo. Como vimos, além das questões de construção do conhecimento, estas colaborações são colocadas em tensão pelas condições materiais do trabalho ativista e acadêmico que devem ser constantemente questionadas. Destacamos aqui as diferenças entre as temporalidades de dois mundos distintos : o tempo das mobilizações, que respondem a uma sucessão de emergências, e o tempo da pesquisa universitária, pontuado pela agenda dos programas de pesquisa e que traz resultados concretos a médio ou longo prazo. Ademais, do ponto de vista dos pesquisadores, a questão da continuidade a ser dada a tais pesquisas e implicações surge no âmbito de um contexto científico que incentiva a rentabilidade das pesquisas de campo para a produção quantitativa do conhecimento.

### Referências bibliográficas

AMOROSO, Mauro; BRUM, Mario; S. GONÇALVES, Raphael; " Habitação e Direito à Cidade: favelas, subúrbios, periferias e assentamentos informais ", **Libertas**, Rio de Janeiro: UFJF, vol 15, 2015, pp. 1-4.

ANCOP. Dossiê Megaeventos e violação de direitos humanos no Brasil. Brasil: ANCOP, 2014.

AVENEL, Cyprien; " La réforme de la politique de la Ville à l'épreuve du développement social territorial ", **Informations sociales**, Paris: Caisse nationale d'allocations familiales, vol 179, 2013, pp. 98-106.

BALTAZAR, Ana Paula; COSTA, Márcia; CREVELS, Éric; FURIATI, Lucas; MELO, Cíntia; " Política habitacional de interesse social em Belo Horizonte: projetos viários, investimentos nos capitais e remoções X melhoria das condições sócio- espaciais ", **Anais do Enanpur**, São Paulo, vol XVII, 2017, pp. 1-20.

BEDARIDA, François; " Le temps présent et l'historiographie contemporaine ", **Vingtième Siècle. Revue d'histoire**, Paris, Vol. 69, N. 1, 2001, pp. 153-160.

BELMESSOUS, Hacène, **Petite histoire politique des banlieues populaires**, Paris: Syllepse, 2022.

BOGADO, Diana; " O uso da dimensão social da memória como instrumento emancipatório em comunidades em situação de vulnerabilidade sociocultural. ", **Cadernos de sociomuseologia**, Lisboa, vol. 58, N. 14, 2019, pp. 61-106.

BUSQUET, Gregory; DIACONU, Adriana; " Mémoires collectives et production des territoires urbains " **Cahiers de géographie du Québec**, Quebec, vol. 63, N. 178, avril 2019, pp. 3-8.

CAMPOS, Andreilino; **Do quilombo à favela: a produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CHAVANON, Olivier; " Politiques publiques et mémoire des populations urbaines ", **Diasporas. Histoires et sociétés**, Toulouse: Presses universitaires du midi, vol 6, 2005, pp. 60-70.

DEBOULET, Agnès; " Faire de l'écoute un élément clé du projet ", **Les Cahiers de l'IAU îdF**, Paris, n° 162, mai 2012, pp. 1-4.

DA SILVA, Marcos V. ; " As cidades a partir de baixo : E.P. Thompson como referência para um diálogo entre urbanização e história social ", **Anais do IV Enanparq**, Porto Alegre, 2016, pp.2-17.

DOS SANTOS PORTILHO, Aline "Museu em favela : cultura e memória na (re)produção do território" **Anais do ENECULT**, Salvador, Vol VIII; 2012.

EDÉSIO, Fernandes; DOLABELA PEREIRA, Helena; " Legalização das favelas : qual é o problema de Belo Horizonte ? ", **Planejamento e políticas públicas**, Rio de Janeiro: Ed. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Vol 34, janv-juin 2010, pp. 171-199.

FORTUNA, Carlos; " Património, turismo e emoção ", **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, N. 97, 2012, pp. 23-40.

FOURCAUT, Annie; " Les banlieues populaires ont aussi une histoire ", **Revue Projet**, La Plaine Saint-Denis, n° 299; 1er juillet 2007, [en ligne] url : <https://www.revue-projet.com/articles/2007-4-les-banlieues-populaires-ont-aussi-une-histoire/>, consulté le [08 avril 2022]

FOURCAUT, Annie; TELLIER, Thibault; " Les quartiers populaires vont-ils perdre la mémoire ? " **Métropolitiques**, Paris, 10 janvier 2014, [en ligne] url : <http://www.metropolitiques.eu/Les-quartiers-populaires-vont-ils.html>.consulté le [08 avril 2022]

GARCIA, Patrick; " Essor et enjeux de l'histoire du temps présent au CNRS ", **La revue pour l'histoire du CNRS**, Paris, N. 9, 2003, [En ligne], URL : <https://journals.openedition.org/histoire-cnrs/562#quotation>, consulté le [08 avril 2022]

GINZBURG, Carlo; **A micro história e outros ensaios**, Lisboa, Difel, 1991..

História em Construção, " Vou me acabar aqui ", production audiovisuelle accompagnée d'une note d'intention, couleur, 14 mn, 2011, , [En ligne], URL : <https://www.youtube.com/watch?v=xd6B2icYkqc&t=324s>

JUAN, Maïté; " Les recherches participatives à l'aune du politique ", **Sociologie du travail**, Paris, Vol. 63 - N. 1, Janvier-Mars 2021, [En ligne], URL: <http://journals.openedition.org/sdt/37968>, consulté le [08 avril 2022]

KIRSZBAUM, Thomas. "Urban Renewal in the USA: A Neoliberal Policy?", **Metropolitics**, may 2019.

LABORIE, Pierre; " L'historien sous haute surveillance ", **Esprit**, Paris, N. 198, janvier 1994, Paris, Éditions Esprit, pp. 36-49.

LLOYD, Sarah; MOORE, Julie; " Sedimented Histories: Connections, Collaborations and Co-production in Regional History ", **History Workshop Journal**, Oxford: Oxford University Press, N. 80, autumn 2015, pp. 234-248.

MARLIÈRE, Eric; " D'un quartier ouvrier de " banlieue rouge " ségrégué à un espace post-tayloriste en voie de " mixité sociale " " In. Marion Carrel, Paul Cary et Jean-Michel Wachsberger (dir.), *Ségrégation et fragmentation dans les métropoles : Perspectives internationales*, Villeneuve d'Ascq: Presses universitaires du Septentrion, 2013, 356 p.

MOROVICH, Barbara; " Entre stigmates et mémoires : dynamiques paradoxales de la rénovation urbaine ", **Journal of Urban Research**, Cairo, Juillet 2014, [En ligne], URL: <http://journals.openedition.org/articulo/2529>; consulté le [08 avril 2022]

MORRISSETTE, Joelle; "Recherche-action et recherche collaborative : quel rapport aux savoirs et à la production de savoirs?", **Nouvelles pratiques sociales**, Paris, Vol 25, N. 2, 35–49, 2013.

NEZ, Héloïse; " Nature et légitimités des savoirs citoyens dans l'urbanisme participatif. Une enquête ethnographique à Paris ", **Sociologie**, Paris vol. 2, N. 4, 2011, pp. 387-404.

NORA, Pierre; " Entre mémoire et histoire, la problématique des lieux ". In: Pierre Nora (dir.), *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1997. pp. 23-43.

PEIXOTO FARIA, Teresa de J. " Renovação urbana no contexto de globalização do capital: generalidades e particularidades das favelas da América Latina ", **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [En ligne], Questions du temps présent, 25 juin 2020.

ROLNIK, Raquel; **A cidade e a lei, legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**, São Paulo; Studio Nobel/FAPESP, 1997.

SAMUEL, Raphael; **Theatres of memory. Past and present in contemporary culture**, Londres: Verso book. 2012, First publication : 1994.

SANCHES, Taisa; "O museu das remoções, somos nós, Cotidiano e memórias na (e da) Vila Autódromo", **Periferia**, Rio de Janeiro; Universidade do Estado do Rio de Janeiro, vol. 12, N. 2, pp. 39-56, 2020.

TALPIN, Julien; **Bailloner les quartiers, Comment le pouvoir réprime les mobilisations populaires**, Paris; Rue Des Etaques, 2020.

TALPIN, Julien & al; **L'épreuve de la discrimination, Enquête dans les quartiers populaires**, Paris: PUF, 2021, 420 p.

TISSOT, Sylvie; **L'Etat et les quartiers. Genèse d'une catégorie de l'action publique**, Paris: Seuil, 2007.

THOMPSON, Edward P.; " History from Below ", **Times Literary Supplement**, London: News UK, 7 avril 1966, pp. 279–80.

URVOY, Philippe; **Cidade em disputa : lutas de moradores e urbanismo autoritário em Belo Horizonte (Brasil) e no Porto (Portugal) - 1960-1980**, Tese de doutorado em história, UFMG, 2020, 479 p.

VAN DAMME, Stéphane; " Une histoire des savoirs urbains est-elle possible ? ", **Métropolitiques**, Paris, 28 juin 2013, [En ligne], URL : <https://metropolitiques.eu/Une-histoire-des-savoirs-urbains.html> consulté le [10 mars 2022]

VESSURI, Hebe; " The hybridization of knowledge : science and local knowledge in support of sustainable development ", in SÖRLING, Sverker; VESSURI H., Hebe (dir.), *Knowledge society vs. knowledge economy. Issues in higher education*, New York: Palgrave Macmillan, 2007, 220 p.

WHITAKER FERREIRA, João; "Remoções forçadas- Um panorama internacional a partir de estudos de caso", Sessões livres, XV, **Anais do ENANPUR**, Vol 15, N 1; 2013.